

Literatura Infantil e Juvenil contemporânea: inquietações e metamorfoses

Contemporary Literature for Children and Young People: concerns and metamorphoses

Ramón Tena Fernández¹
Regina Michelli Perim²
Eloísa Porto Allevato Braem³

A Literatura Infantil e Juvenil (LIJ) contemporânea vem atraindo olhares de leitores e da crítica em função de uma renovação em aspectos que se expandem do objeto livro a estratégias narrativas, recursos poéticos, diálogos interartes, entre outros, assinalando percursos que tanto releem os contos da tradição, quanto avançam para novas temáticas, também em sintonia com as mudanças sociais da atualidade. Acerca de tais processos e transformações na Literatura Infantojuvenil, o dossiê 49 (quarenta e nove) da *Soletras*, Revista do Mestrado PPLIN UERJ, publica textos acadêmicos de pesquisadores da área, enfocando: abordagens teóricas e historiográficas da LIJ, estudos estatísticos e analíticos sobre hábitos leitores infantojuvenis, crítica literária e política de cancelamento em obras literárias para crianças e jovens.

As temáticas prestigiadas nos estudos publicados nesse dossiê englobam sexualidade, censura e *happycracia*, etnia, resistência e práticas decoloniais, educação e literatura antirracistas, literaturas indígenas, o negro na literatura, temas ambientais e fraturantes, origens e territorialidades, diáspora e identidades híbridas, refúgio e a situação de refugiados, ética na formação de leitores e na escrita, ficção policial, literatura fantástica e maravilhosa, personagens monstruosos, processos metamórficos, violência, teatro e dramaturgia, didática e

¹ Professor na Universidad de Extremadura. Doutor em LIJ pela Universidad de Extremadura. Licenciado em Educação Primária pela Universidad de Extremadura. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7526-2134>. E-mail: rtena@unex.es.

² Professora Associada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutoramento pela Universidade Federal de Uberlândia e pela Universidade de São Paulo. Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela Faculdade de Humanidades Pedro II. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5586-0468>. E-mail: r.michelli@gmail.com.

³ Advogada. Professora Associada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutoramento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5356-3059>. E-mail: eloisaporto@gmail.com.

estratégias para a formação de leitores, leitura da literatura, letramento literário, círculos de leitura, estratégias de leitura e construção de sentido literário, diálogo interartes, identidades, literatura surda e valorização da diversidade, metalinguagem e estratégias literárias, novas abordagens aos clássicos, tradução e adaptação de obras literárias para crianças e jovens, entre outros. Os artigos selecionados abordam obras em diferentes gêneros literários e em diálogo com variadas linguagens artísticas, voltadas para públicos infantojuvenil.

O dossiê se inicia abordando o tema fraturante das sexualidades na literatura infantil e a contemporânea cultura do cancelamento, no artigo “Sexualidad y controversias en la literatura infantil: comparativa entre cuentos de sexualidad y LGTBI+”, de Núria Obiols Suari e Eduardo Martínez Gómez. O trabalho acadêmico analisa qualitativamente algumas obras envolvidas em polêmicas de cancelamento, após serem consideradas inadequadas para públicos infantis. As obras do *corpus* ficcional em debate são divididas em duas categorias: as que tratam de sexualidade em geral e as que tratam especificamente do coletivo LGBTQIA+. Seus conteúdos e elementos visuais foram cotejadas por procedimentos e instrumentos indutivos de análise. Além disso, através do programa ATLAS-Ti, os conteúdos foram analisados e depois estudados comparativamente. Os resultados das pesquisas indicaram que a cultura de cancelamento tem causado fortes impactos, estando o coletivo LGBTQIA+ entre os mais questionados.

A censura contra obras e autores da Literatura Infantojuvenil também é abordada no segundo artigo do dossiê, “Inquietações sobre o discurso da *happycracia* e da censura na Literatura Infantil e Juvenil contemporânea”, de Thyago Madeira França e Cristiane Carvalho de Paula Brito. O texto acadêmico debate o conceito de *happycracia* (Cabanas; Illouz, 2022) e as formas como idealiza a felicidade e o pensamento positivo. Além disso, problematiza alguns acontecimentos contemporâneos de ataque e censura a obras e autores da Literatura Infantil e Juvenil, os quais, numa ótica neoliberal, responsabilizam o próprio indivíduo (reduzido ao papel de mero consumidor) por seu bem-estar social, emocional e econômico. Contra essas práticas, os autores propõem que a literatura, o seu ensino e as mediações de leitura se tornem experiências estéticas e éticas de resistência, desenvolvendo o senso crítico e promovendo debates sobre multiplicidade, dissenso e polifonia, valorizando a diversidade e questionando ideologias moralistas ou coloniais. Nesse sentido, sugerem uma formação política de professores-mediadores que os distancie de discursos coloniais, neoliberais ou excludentes, como também a ampliação de linguagens literárias e a atualização de temas em estudo nas aulas.

Entrando nas temáticas étnicas, o terceiro artigo, “A rede de processos metamórficos na literatura dos povos Maraguá e Macuxi”, de Marisa Martins Gama-Khalil, aborda a literatura infantojuvenil indígena contemporânea dos povos Maraguá e Macuxi. Nesta literatura, a pesquisadora analisa três processos metamórficos, a saber: 1- sua construção mimética, compreendendo o procedimento da mimesis como uma metamorfose, a partir de teorias de Roland Barthes e Luiz Costa Lima sobre mimesis; 2- a temática engendrada nas narrativas indígenas, nas quais há uma incidência significativa de encantarias metamórficas devido ao animismo, constitutivo de sua cosmogonia, a partir da noção de animismo e perspectivismo nos estudos de Philippe Descola e de Eduardo Viveiros de Castro, respectivamente, e pela concepção de encantaria de João de Jesus Paes Loureiro; e 3- a proposta de recepção descolonizadora e transformadora/metamórfica sugerida por essa ficção, com base em estudos pós-colonialistas de Miguel Nenevé, Georges Balandier, Arturo Escobar, Aníbal Quijano, Homi Bhabha e Ailton Krenac.

Ainda nessa perspectiva étnica, o quarto artigo, “‘Quando ainda não era...’: gêneses múltiplas, sonhos e metamorfoses em Poranduba – ‘ópera rumor’, de Lúcia Pimentel Góes”, estudo de autoria de Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio, demonstra como a temática indígena percorre a literatura brasileira desde as suas primeiras manifestações, em escritos religiosos, políticos, literários, científicos e antropológicos. Neste trabalho acadêmico, as autoras analisam como na “ópera rumor” infantojuvenil *Poranduba*, musicalizada pelo maestro Villani-Côrtes, o texto de Lúcia Pimentel Góes revela lendas, contos zoológicos e astronômicos, cantigas indígenas e a cosmogonia de um mundo criado por gêneses múltiplas e metamorfoses. O libreto da narrativa em cotejo interessa à Semiótica e aos Estudos Comparados, visto que estruturada por uma pluralidade de linguagens, revelando vestígios de signos falantes e testemunhando representações à disposição de espaços distantes daqueles que estiveram na origem da sua produção cultural, artística e de saberes.

Passando a abordagens antirracistas, no quinto artigo, “A dimensão argumentativa de contos ilustrados na luta antirracista: *Fevereiro, Minhas contas e De passinho em passinho: uma história para dançar e sonhar*”, Beatriz dos Santos Feres e André Marques da Silva examinam processos de identificação e de qualificação que constituem a semiotização do mundo, problematizando seu caráter subjetivo, favorável à (re)construção de imaginários sociodiscursivos relativos ao (anti)racismo. Os autores estudam a representatividade negra nos

contos ilustrados *Fevereiro*, de Carol Fernandes (2023), *Minhas contos*, de Luiz Antonio (2022) e *De passinho em passinho: uma história para dançar e sonhar*, de Otávio Júnior (2021). Também exploram o caráter argumentativo-persuasivo das narrativas quanto à temática enfocada nas obras e quanto aos recursos linguageiros, que sugerem avaliações positivas em relação às qualidades do modo de ser negro, dissimulando o racismo estrutural prevalente nas sociedades dos contos. Tomam por base os estudos de Charaudeau (2008, 2018b), o primado de Amossy (2018) de que todo discurso apresenta uma dimensão argumentativa própria do ponto de vista intrínseco à expressão comunicativa e partem do pressuposto de Colomer (2017) de que a literatura infantil reflete a forma como uma sociedade se vê.

O sexto artigo do dossiê, “‘Pai contra Mãe’, de Machado de Assis, Estudo Teórico-Crítico sobre o Negro na Literatura Brasileira: Ensino em Foco”, de Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho e Antonio Ismael, trata tanto dos desafios ao docente da Educação Básica na formação de leitores literários de textos clássicos, quanto da relevância de se refletir sobre o papel do negro na literatura brasileira e na sociedade contemporânea. O trabalho acadêmico traz aos professores de literatura do Ensino Médio sugestões de estratégias de leitura desenvolvidas durante pesquisas de iniciação científica, tematizando o papel do negro na sociedade brasileira contemporânea, tomando como base o conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis. A trama ficcional destaca a situação do negro na sociedade brasileira e foi estudada pelo viés da Narratologia e da Estética da Recepção e pela metodologia dos Círculos de Leitura, de Rildo Cosson. A estratégia desenvolvida para a leitura do conto facilitou aos alunos sua compreensão à luz do contexto sociocultural presente, os professores incentivaram o grupo a repensar os recursos estéticos geradores de sentido e a construir coletivamente novos sentidos, a partir das vivências e leituras dos envolvidos. Com isso, valorizou-se o passado como indispensável propulsor na compreensão do presente.

Ainda sobre abordagens antirracistas e decoloniais, o sétimo artigo, “Explorando novos caminhos: a literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea”, de Simone Maria Bacellar Moreira, ressalta percursos que releem os contos da tradição ao mesmo tempo em que avançam para novas temáticas, causadas pelas mudanças sociais com o passar dos tempos, tais como diversidade cultural e étnico-racial, representatividade e identidades múltiplas. A partir das obras *Um dia, um rio*, de Leo Cunha e André Neves (2016), e das obras de bell hooks *Meu Cabelo é de Rainha* (2021), *Minha dança tem história* (2019) e *A Pele que eu tenho* (2023), de

bell hooks, são abordadas tais mudanças temáticas e socioculturais na literatura infantojuvenil, com a base nos conceitos de bell hooks (2019, 2021), Marisa Lajolo (1991, 2005), Regina Zilberman (1991) e Teresa Colomer (2003, 2019). O artigo propõe ainda uma revisão de pesquisas sobre práticas de leitura, demonstrando que a LIJ contemporânea contribui para a busca de uma sociedade mais justa e inclusiva, promovendo práticas antirracistas e decoloniais.

O oitavo artigo é sobre “Temas ambientais e fraturantes na Literatura Infantil de Rita Lee”. No trabalho, a pesquisadora Norma Sueli Rosa Lima examina temas não usuais em obras para crianças escritas por Rita Lee, como a violência, o tráfico de animais, a devastação da natureza, entre outros. Entre as obras cotejadas no artigo, estão as da série *Dr Alex*, publicadas entre 1986-1992 e reeditadas entre 2019-2020, e *Amiga Ursa*, de 2019. Como aporte teórico, foram citadas pesquisas de Ana Margarida Ramos, José Nicolau Gregorin Filho, Marisa Lajolo, Teresa Colomer e Regina Zilberman, entre outros. O trabalho comenta elementos estéticos das obras da artista, propósitos ativistas e repercussões históricas das narrativas, devido ao caráter de denúncia e à abordagem de temáticas pouco usuais para crianças e o pioneirismo de sua ficção climática, na qual o meio ambiente não é apenas cenário.

O próximo artigo, “A representação do refúgio na literatura infantojuvenil: uma leitura de Kalil: o menino refugiado”, de Shirley de Souza Gomes Carreira, considera como fraturante o tema do refúgio, por envolver questões complexas que, para muitos, seriam inapropriadas para o público infantojuvenil. A pesquisadora demonstra como a situação do refugiado na obra pode não apenas provocar reflexões nos jovens leitores sobre o problema da (des)territorialidade, entre outros, mas também desenvolver a empatia e a solidariedade para com os refugiados. Além disso, o trabalho ressalta como a literatura infantojuvenil pode contribuir no processo de acolhimento/refúgio e de inserção da criança refugiada no ambiente escolar, favorecendo a interculturalidade.

Também sobre o tema dos fluxos migratórios (de chegada de imigrantes ao solo brasileiro) na literatura para crianças e jovens, o décimo artigo, “Traços e tramas da diáspora: uma análise de *Um lençol de infinitos fios* (2019), de Susana Ventura”, feito por Natacha dos Santos Esteves, Fernanda Favaro Bortoletto e Geniane Diamante Ferreira Ferreira, problematiza o pertencimento, a resistência, as identidades híbridas e os efeitos da diáspora em personagens da ficção contemporânea brasileira. Em perspectiva pós-colonial, são debatidas também as diferenças culturais e físicas entre as personagens recebidas na sociedade brasileira

ficcional, as formas de discriminação, as relações de poder entre os grupos, as formas de hegemonia e subalternização na sociedade. As autoras debatem ainda as relações entre as personagens e seus múltiplos locais de pertencimento, os modos como as identidades híbridas estão em contínua renegociação e reconstituição, como os atos de resistência podem demonstrar o senso crítico das personagens e o fortalecimento de laços com sua cultura original da personagem imigrante.

Já no décimo primeiro artigo do dossiê, “A ética na escrita e o empenho da literatura infantojuvenil na formação de leitores críticos: a obra de Georgina Martins”, Victor Hugo Adler Pereira investiga alguns rumos tomados pela literatura georginiana, que apresenta à criança problemas e conflitos sociais e questões humanas contundentes. As obras da escritora e educadora Georgina Martins estudadas são: *Ave do Paraíso* (2019), *Uma maré de desejos* (2005), *Minha família é colorida* (2005), *O menino que brincava de ser* (2000) e *Tudo por você* (2012). Através da análise comparativa dessas obras, o pesquisador defende a existência de uma ética norteadora da criação artística da autora. O autor traz para o debate artigos jornalísticos, resenhas críticas e crônicas radiofônicas de Walter Benjamin dirigidas a um público infantojuvenil e estudos críticos sobre a história da literatura para crianças de Leonardo Arroyo e Marc Soriano. Com esses textos, o articulista defende a permanência, em diferentes contextos culturais e períodos, de tendências estéticas e questões educacionais em torno da literatura para crianças e jovens. Além disso, o pesquisador traz para o debate um ensaio publicado pela própria Georgina Martins, analisando a concepção de narrador em obras de três escritores brasileiros contemporâneos sobre a miséria do proletariado brasileiro, demonstrando como a escritora critica o naturalismo e o formalismo.

Sobre a poesia para jovens do Ensino Médio, o décimo segundo artigo, “A poesia sem adjetivos de Alice Ruiz: a poética do corpo e da sexualidade na sala de aula”, de Marivaldo Omena Batista e Renata Junqueira de Souza, é um recorte de uma pesquisa de doutorado efetuada pelos autores, mostrando como a não-adjetivação, na poesia de Alice Ruiz, permite que sua linguagem alcance públicos variados de leitores: infantis, juvenis e adultos. O artigo debate a sexualidade e as perspectivas do corpo na obra da escritora, assim como a recepção dessa poesia em uma turma do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública. A análise dos textos da poeta se faz em diálogo com pesquisas de Cohen (1974), Foucault (2014), Freud (2015) e Hanna Segal (1993), entre outros. As experiências de leitura em sala de aula, relatadas

no artigo, foram pautadas em estudos sobre metacognição de Girotto e Souza (2010). Entre os resultados obtidos, os autores enumeram as experiências estéticas dos envolvidos, ampliações nos horizontes dos participantes sobre as complexidades do preconceito de gênero e constatação de alguns instrumentos políticos que oprimem e regulam os espaços sociais das mulheres.

Estudando a literatura policial para crianças e jovens, o décimo terceiro artigo, “Pequenos detetives: considerações sobre a ficção policial brasileira para crianças e jovens, de Flavio Martins Carneiro, mostra como, desde o período clássico até a fase moderna, é recorrente a identificação do leitor com a figura do detetive, na ficção policial destinada a públicos adultos, como também ocorre na destinada a públicos infantojuvenis. Entretanto, o pesquisador demonstra que o lugar do detetive tem sido ocupado, muitas vezes, não por um único personagem, na ficção policial infantil e juvenil brasileira contemporânea, mas comumente por um grupo de crianças. O artigo estuda também algumas estratégias usadas por autores brasileiros de ficção policial infantil e juvenil para buscar tal identificação entre leitor e investigador e defende que o gênero, ao estimular o raciocínio lógico e a imaginação, contribui na formação do leitor crítico e do cidadão participativo. Durante o cotejo a obras brasileiras contemporâneas de ficção policial infantil e juvenil, são propostos diálogos com obras da tradição do gênero, na sua versão para adultos, como também são suscitados debates a textos críticos ou teóricos de José Paulo Paes, Maria Helena Werneck, Todorov, Sandra Reimão, Vincent Jouve.

Marcando a relação entre a literatura e o cinema infantojuvenil, o décimo quarto artigo, “*Onde vivem os monstros*: um breve passeio por entre o livro e o filme”, de Fernanda Rios de Melo e Diana Navas, promove uma leitura comparativa entre o livro *Onde vivem os monstros* (1963), obra renomada de Maurice Sendak, e no homônimo cinematográfico (2009), de Spike Jonze, comentando semelhanças, distinções entre as duas obras e estratégias expressivas específicas de cada linguagem artística envolvida na construção de sentidos na versão literária e na fílmica. Nessa perspectiva, as pesquisadoras dialogam com estudos de Linden (2011), Moraes (2023) e Nodelman (1988) sobre livro-álbum e mencionam também pesquisas de David Bordwell (1985) sobre cinema. Defendem que o livro promove inovações ligadas à construção arquitetônica do livro-álbum, em seus aspectos textuais, ilustrativos e no projeto gráfico, enquanto a inovação do filme se daria na temática. Em todo caso, as pesquisadoras afirmam que tanto o leitor do livro de 1963 quanto o espectador do filme de 2009 devem estar atentos a

temáticas inesperadas, inovações matéricas ou estratégias estéticas incomuns, que exigem do leitor uma postura ativa e criativa durante suas apreciações leitoras.

Passando para a dramaturgia e o teatro infantil, o décimo quinto artigo, “Notas a partir da “sobrevida” da dramaturgia para a infância no contexto da mediação editorial do Concurso Nacional de Teatro Infantil”, de Fabiano Tadeu Grazioli, afirma que a popularidade entre crianças de determinadas obras da dramaturgia infantil brasileira não se dava pela leitura do texto dramático, mas pelo acesso às montagens teatrais. Nessa perspectiva, o autor defende que a dramaturgia para a infância no Brasil, até meados da década de 1990, não se publicava para as crianças lerem, mas para os profissionais que atuavam nas diversas linguagens ligadas ao teatro lerem e prepararem as encenações, que seriam assistidas por plateias infantis nos teatros. Como provas dessa tese, o autor analisa trechos da dramaturgia publicada na década de 1970, com destaque para quatro peças premiadas no Concurso Nacional de Teatro Infantil, o *Teatro infantil – 1976*. Nessas análises, dialoga com pesquisas de Zilberman (2005) e Chartier (2002a, 2002b), entre outros. Conclui que a edição deste volume ou outras edições do mesmo concurso ou edições de outros concursos semelhantes da época estão entre os movimentos de mediação editorial, os quais garantem que textos relevantes consigam se estabelecer e chegar aos períodos seguintes, quando encontram novos leitores.

Propondo um diálogo interartes para jovens, o décimo sexto artigo, “O ritual de origem das coisas e do enigma da vida em “Adão e Eva”, de Machado de Assis e da Arte para jovens, de Luiz Paulo Baravelli: um diálogo interartes e a formação do leitor juvenil”, de Rodrigo Felipe Veloso, promove uma releitura do conto “Adão e Eva”, de Machado de Assis, partindo do que chama de “simbiose semiótica” da obra literária com as obras de arte de Luiz Paulo Baravelli. Nessa perspectiva, as obras dos dois artistas integradas (em diferentes linguagens) constroem um universo artístico novo, que reinterpreta ou recria e atualiza o discurso literário machadiano, a partir da interação com os quadros da *Arte para jovens*, de Baravelli. Por meio da teoria antropológica dos ritos de passagem, descrita por Arnold Van Gennep (2011), por exemplo, o artigo propõe diálogos intertextuais com o texto bíblico e intersemióticos com as pinturas, analisando os planos de conteúdo e da expressão. Trata-se de uma (re)visão moderna tanto da obra machadiana quanto da história bíblica do ritual de origem e criação das coisas e do homem, fundamentada por estudos de Antonio Candido (1977), Roberto Schwarz (2000) e Clauss Cluver (1997), entre outros.

Reflete sobre a didática da literatura infantil e a formação docente nas universidades espanholas o décimo sétimo artigo do dossiê, intitulado “Didáctica de la Literatura en los grados de Educación Infantil de España”, de autoria de José Soto Vázquez, Miriam Cáceres Retortillo, José Antonio Gutiérrez Gallego, Ramón Pérez Parejo e Ramón Tena Fernández. Os autores analisam as disciplinas relacionadas com a Didática da Literatura Infantil e Juvenil nas licenciaturas de formação de professores da Educação Infantil em universidades espanholas, partindo da análise dos dados encontrados nos seus planos de curso. Das 58 universidades que oferecerem esta graduação, a pesquisa analisou 38 universidades públicas, nas quais disciplinas ligadas à LIJ são ministradas. Foram examinados diversos aspectos, como a sua obrigatoriedade, o número de créditos atribuídos, a denominação como disciplina, as editoras e os autores mais citados em suas bibliografias etc. Desta análise descritiva e quantitativa, concluem que há certa homogeneidade na apresentação dos assuntos, o que pode ocorrer em consequência de um acordo assinado em 2007, no qual a Espanha entraria no Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) para modernizar o seu sistema de Ensino Superior, atualmente.

Sobre leitura literária e formação de identidade na escola pública, o décimo oitavo artigo, “Narrativas e identidades no Projeto Pedagógico Closet Literário Móvel”, de autoria de Ivan Vale de Sousa e Carlos Felipe da Conceição Pinto, reflete sobre as identidades literárias construídas no protagonismo infantojuvenil no contexto da escola contemporânea; discute a relevância da leitura literária na formação de leitores críticos e proficientes; ressignifica a importância das estratégias de leitura literária nos diferentes gêneros textuais da experiência pedagógica e apresenta o Projeto Pedagógico *Closet Literário Móvel*, desenvolvido nas escolas públicas municipais da cidade de Parauapebas, no sudeste do Pará. Com isso, o artigo defende a necessidade de se respeitar a multiplicidade de conhecimentos do estudante durante o processo de leitura literária, demonstra como as identidades literárias contribuem no processo de alfabetamento de leitores na contemporaneidade e ampliam o acesso às obras literárias, entre outros conhecimentos e sugestões metodológicas que podem servir de direcionamento para outras práticas de acessibilidade ao texto literário em diferentes espaços.

Ainda sobre a formação de leitores críticos na Educação Básica, no décimo nono artigo, “Escolarização da leitura, formação de leitores e o *Diário de Pilar*”, a pesquisadora Elaine Cristina Carvalho Duarte argumenta que o processo de leitura contribui para tornar o indivíduo capaz de contestar o mundo e discutir criticamente sobre seu papel social. Nessa perspectiva,

condena um ensino de literatura infantojuvenil (comum no Brasil) apenas escolarizado e reduzido aos estudos de gramática ou até só de interpretações de texto direcionadas e pouco reflexivas, entre outros problemas que critica no trabalho com literatura no Ensino Fundamental e Médio brasileiros. Contrariamente a essas práticas desaconselhadas, a articulista defende a necessidade de novas propostas para o ensino-aprendizagem de leitura, para o letramento literário e para processo escolar, que deve ser plural na formação de leitores críticos e autônomos. Nesse debate, a autora dialoga com propostas de Magda Soares, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, entre outros, além de analisar a obra infantojuvenil *Diário de Pilar*, de Flávia Lins com ilustrações de Joana Penna, sugerindo possíveis caminhos para um letramento infantojuvenil a partir de textos como esse.

No artigo “A Literatura Surda no processo de Letramento Literário: leitura e interpretação das obras *Patinho Surdo* e *Tibi e Joca* na sala de aula”, vigésimo do dossiê, a articulista Miriam Ramos dos Santos recomenda o trabalho com obras em que os surdos são representados não como deficientes, mas como protagonistas, diferentes no âmbito linguístico, identitário e cultural, mas valorizados. Debate o Letramento Literário de crianças e jovens, incluindo as surdas, em diálogo com trabalhos de Soares (2010), Cosson (2014) Coelho (2000), Amarilha (2009) entre outros. Comenta a Literatura Surda em relação com as teorias de Quadros (1997), Karnopp (2006, 2010), Campos e Stumpf (2012), Perlin (2013) etc. Enfim, defende o ensino de obras literárias que dão protagonismo ao surdo, oportunidade ao surdo de dizer por si sobre si, representatividade (literária, cultural, social...) e visibilidade a suas vivências, como forma de valorizar suas diferenças linguísticas, identitárias e culturais.

O vigésimo primeiro artigo do dossiê, “Leitura para os jovens e entre os jovens: com a palavra, os leitores”, de Daniela Maria Segabinazi e Jhennefer Alves Macêdo, apresenta resultados de pesquisa sobre a formação de leitores e o gosto pela leitura da literatura entre jovens estudantes dos anos finais da Educação Básica. A partir das falas dos leitores, as autoras identificam a circulação de livros entre os adolescentes que compõem uma comunidade leitora, com intensa troca de indicações de obras literárias. Em diálogo com estudos de Ceccantini (2000), Souza (2019), Abreu (2006), Candido (1995) e Bourdieu (1983), entre outros, as autoras debatem os dados obtidos por meio de um questionário, apresentando, como resultados da pesquisa de campo, as constatações de que significativa leitura literária ocorria entre os jovens, com assiduidade e critérios específicos nas escolhas/indicações de suas leituras, considerando

fatores intraliterários e extraliterários. Além disso, notam uma ausência de leituras de obras mais consagradas, que atribuem a possíveis lacunas no trabalho docente, motivo pelo qual as autoras sugerem o planejamento de mediação docente, para que tais livros sejam indicados, lidos e debatidos com/entre esses leitores.

Ainda sobre a literatura para jovens, no vigésimo segundo artigo do dossiê, “Violência e melancolia na literatura juvenil brasileira: uma análise de *O dia em que Luca não voltou*, de Luís Dill”, os articulistas Danilo Fernandes Sampaio de Souza e Arlene Batista da Silva Ferreira estudam, pela vertente do realismo crítico, o livro finalista do Prêmio Jabuti em 2010 na categoria juvenil, sobre crianças desaparecidas e violência urbana brasileira. Cotejam a obra literária em diálogo com estudos de Ana Margarida Ramos e Diana Navas (2006), Jaime Ginzburg (2013) e Sigmund Freud (2010), entre outros, construindo interpretações, comentando passagens de violência urbana e analisando como a melancolia se manifesta nessa narrativa juvenil contemporânea.

No vigésimo terceiro artigo, “Baile floral: uma leitura fantástica do conto “As flores da pequena Ida” de Hans Christian Andersen”, Gabriela Regina Soncini propõe interpretações para elementos do maravilhoso e do fantástico no conto de Andersen e comenta a intertextualidade presente na obra infantojuvenil. As flores dançantes, com aspectos humanos, são apresentadas como elementos insólitos na narrativa, nas noites dos bailes das flores, longe dos olhos humanos, quando rompem com o mundo dito “real” do início da obra e trazem a incerteza, a possibilidade de ter sido verídica, sonho ou imaginação a ruptura com a realidade conhecida na narrativa. A partir de pesquisas de Karin Volobuef (2012) e outros, a articulista defende que o fantástico e o maravilhoso se encontram no conto, em parte por causa da intertextualidade. A literatura infantojuvenil, carregada de textos que conversam entre si, permite a leitura crítica dos “contos de fadas artísticos”, oriundos e inspirados nos contos de fadas tradicionais, que se abrem a outras experiências, inclusive fantásticas.

“A literatura infantil nas páginas de Lúcia Miguel Pereira”, da pesquisadora Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida, é o vigésimo quarto artigo do dossiê e versa sobre como, nas narrativas escritas para crianças, Lúcia Miguel demonstra preocupação com a educação desse público, especialmente das meninas, e com o papel da literatura infantil nesse processo de formação e sedução do jovem leitor. Nas obras para adultos, a ficcionista priorizou a ocupação social da mulher. Já nas suas narrativas para crianças – *A fada menina* (1939), *Maria*

e seus bonecos (1943), *A filha do Rio Verde* (1943) e *Na floresta mágica* (1943) –, abordou a educação dada aos infantes, questões inerentes ao universo infantil, personagens populares e de contos folclóricos, a relação do homem com a natureza e os animais, o lúdico, o trabalho infantil e a religiosidade, entre outras aspectos.

No vigésimo quinto artigo do dossiê, “Ludismo verbal e metalinguagem em *Um barco em meu nome*, de Gloria Kirinus”, os pesquisadores Edilson Alves de Souza e Vanessa Gomes Franca demonstram como as criações literárias de Gloria Kirinus são marcadas por estratégias discursivas que denotam autoconsciência textual, autorreflexividade, ludismo verbal e metalinguagem. Os articulistas estudam esses e outros artifícios escriturísticos em *Um barco em meu nome* (2012), com base em estudos de Chalhub (1986), Coelho (2000), Félix e Franca (2018), Kirinus (2004, 2010, 2021), Koryrowski (2008), Lajolo e Zilberman (2007), Pignatari (2011), Souza (2016) e outros, comentando as formas de representação e os aspectos da autodescoberta da infância na obra.

Em “O dever de Carlos de Melo sob a ótica do passado: ensaio sobre *Doidinho*, de José Lins do Rego”, Pedro Barbosa Rudge Furtado realiza o segundo ensaio sobre os três primeiros romances de José Lins do Rego, lidos como um romance de formação. Demonstra a regressividade do desenvolvimento emocional do protagonista Carlos de Melo em *Doidinho*, segunda narrativa da trilogia, dialogando com a fortuna crítica da obra e com estudos psicanalíticos e sobre os afetos. Enquanto no ensaio sobre *Menino de engenho*, nota a capacidade de integração de Carlinhos à várzea, resultando em tom alegre de descobertas, apesar de uma tristeza persistente indicar suas futuras neuroses; observa sobre *Doidinho* que o colégio interno é uma antítese da liberdade e da permissividade anteriormente experimentadas. Já a fuga do colégio para as terras do avô, o ensaísta interpreta como demanda do personagem por sentimentos infantis, que interrompem a construção de sua autonomia.

Passando para a análise da tradução de obra da literatura juvenil, a partir de uma perspectiva cognitivo-literária, o vigésimo sétimo artigo, “Multiple interpretations of minds in the translation of David Almond’s *Skellig*”, de Isabela Braga Lee e Igor Antônio Lourenço da Silva, coteja as múltiplas interpretações da mente na tradução de *Skellig*, de David Almond, investigando como diversas interpretações são viabilizadas pela literatura e como as escolhas tradutórias indicam atitudes da tradutora. Os pesquisadores associam conceitos de narração e focalização aos recursos usados por leitores para construir modelos mentais das personagens e

defendem que estratégias de narração e focalização apresentam demandas de inferências que podem ser usadas para interpretar estados mentais dos leitores, entre outros processos analisados e exemplificados. Assim, o artigo demonstra como a literatura contribui no desenvolvimento cognitivo de leitores e como a atitude do tradutor evidencia, pelas suas escolhas tradutórias, se sua concepção de literatura infantil e juvenil é restritiva ou expansiva quanto às possibilidades de significado.

O vigésimo oitavo artigo aborda a adaptação de obras literárias: “O letramento crítico na literatura infantojuvenil no viés do paradigma educacional emergente: o reducionismo na adaptação de *Dom Casmurro* da editora Todolivro em contraste com a obra Machado e Juca de Luiz Aguiar”. Neste artigo, as pesquisadoras Géssica Gonçalves Santos Gracioli, Maria José de Pinho e Andrea Martins Lameirão Mateus analisam comparativamente duas adaptações: a de *Dom Casmurro*, feita pela editora Todo Livro, e a de *Machado e Juca*, feita por Luiz Aguiar. Contrastam as duas adaptações e criticam a simplificação de certos elementos, como temas, personagens e enredos, observando que seriam reducionistas e poderiam impactar negativamente a experiência de compreensão leitora por crianças e jovens. Durante esse confronto crítico, dialogam com a teoria da adaptação no viés do paradigma educacional emergente e com autores do letramento crítico, que contam com nomes como os de Lajolo e Zilberman (2017), Hutcheon (2011), Ramos (2005), Moraes (1997), Alencar (2017) e Silva (2020), entre outros. Concluíram que o debate sobre o letramento crítico na literatura infantil e juvenil no viés do paradigma educacional emergente pode contribuir na crítica, na denúncia e no combate ao reducionismo literário em obras adaptadas.

O dossiê conta também com uma entrevista à consagrada escritora de literatura infantojuvenil Roseana Murray e com duas resenhas, são elas: Resenha sobre o livro “Literatura infantil, de Alejandro Zambra”, escrita por Gustavo Augusto de Abreu Clevelares; e Resenha sobre “Óculos de cor: ver e não enxergar”, de Lilia Moritz Schwarcz, feita por Marilya Mariany Carnaval.

Perspectivando caminhos amplos e inquietantes sobre a crítica dirigida a obras passíveis de serem lidas por ou para crianças e jovens, o dossiê teve como objetivo privilegiar não apenas percursos dessa literatura, mas aspectos que assinalam suas possibilidades de também ela se metamorfosear constantemente, renovando-se por meio de novas abordagens temáticas e formais, acompanhando os tempos.

Boa leitura!